

RESENHA/ REVIEW

DISCINI, Norma. **Corpo e estilo**. São Paulo: Contexto, 2015, 383 p.

REGINA SOUZA GOMES

Aprofundando e ressignificando as reflexões já desenvolvidas em *O estilo nos textos*, da mesma autora (DISCINI, 2009), a obra *Corpo e estilo* (DISCINI, 2015), de Norma Discini, apresenta uma concepção mais dinâmica e complexa da noção de estilo, aproveitando especialmente as proposições da semiótica tensiva. Prefaciado por Luiz Tatit, o livro é organizado em cinco capítulos, que partem dos fundamentos teóricos que iluminam as considerações sobre uma estilística discursiva e sobre a constituição do éthos conotado de um estilo, como corpo ao mesmo tempo moralizado e sensível (capítulos “De fundamentos”, “Para uma estilística discursiva” e “Éthos conotado”), para então cotejar estilos de autores de diferentes gêneros – artigo de opinião e poesia (capítulo “Mídia e Literatura”), para enfim renovar a tradicional abordagem dos estilos de época (capítulo “Do estilo ‘de época’”). Em todos os capítulos, as proposições teóricas são empregadas em análises refinadas que evidenciam a propriedade e o acerto da proposta metodológica. As conclusões fazem interessante síntese das principais questões desenvolvidas em todo o livro, apontando para a coerência de suas partes e aclarando para o leitor os bons resultados do trabalho.

* Docente da UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro.
E-mail: reginagomes@letras.ufrj.br.

A autora, livre-docente do Departamento de Linguística da Universidade de São Paulo, toma produtivamente o conceito de aspectualização do ator como alicerce para a constituição do estilo. Sem deixar de considerar os estudos gramaticais sobre o aspecto, parte da noção discursiva de aspectualização para tratar da presença “encarnada” do ator¹ da enunciação no discurso, “posicionado no mundo, bem como afetado por esse mundo” (DISCINI, 2005, p. 16). Ao introduzir essa categoria no seu enfoque do tema, a autora assume uma perspectiva mais viva e modular para compreensão do estilo, visto agora em processo.

Nos fundamentos teóricos, desenham-se as contribuições valiosas e coerentes das propostas teóricas de vários autores, tais como Aristóteles, Hjelmslev, Bakhtin, Merleau-Ponty, Brøndal e Husserl, para mencionar apenas alguns dos mais citados. Ao acolher seus aportes teóricos, a autora muitas vezes retoma-os numa concepção mais alargada, como acontece com os conceitos de *éthos* e *páthos* em Aristóteles, ou os relê a partir do ponto de vista semiótico, como ocorre com os conceitos de dialogismo e de exotopia de Bakhtin, por exemplo. Entre os semioticistas, acolhe muito especialmente os conceitos da linha tensiva de Zilberberg (sintetizados em *Elementos de semiótica tensiva*, obra do autor traduzida e publicada no Brasil pelo Ateliê Editorial em 2011), redimensionando o conceito de estilo, dando-lhe um tratamento mais consistente e mais apurado que a abordagem tradicional, por meio de uma perspectiva discursiva. Não se atém apenas aos elementos da textualização e aos usos de mecanismos retóricos, como é comum se fazer, mas relaciona os elementos de manifestação textual a uma organização mais abstrata e profunda da cons-

1 O conceito de ator, aqui, deve ser tomado no sentido semiótico, como figurativização de um actante discursivo, neste caso, sujeito da enunciação.

trução do estilo, que sustenta as ocorrências variáveis desses recursos mais superficiais presentes no texto.

Ao acolher a aspectualização como elemento fundante do corpo do ator, explica a gradualidade de seus dois perfis: o *social*, relativo à instauração de um observador ético, judicativo, e o *patêmico*, relativo a um observador sensível, afetado diante das coisas do mundo. O corpo do ator, portanto, é apreensível pelas marcas da enunciação no enunciado, tanto a partir da organização sintático-semântica do texto, que sustenta os papéis temáticos (observador social), quanto pelas modulações afetivas e perceptivas do sujeito, que fundam os papéis patêmicos (observador sensível). Esses dois perfis não se excluem; na verdade, segundo a autora, um convoca o outro, em distribuição escalar. São os graus variáveis de dominância do sensível e do inteligível que definem o corpo do ator e as diferenças de estilo. Destaca ainda a propriedade de três categorias aspectuais, relevantes para a apreensão do estilo: a duração (contínua e descontínua), a dinamicidade (cinética ou estática) e a telicidade (orientação télica e atélica).

Ao analisar um conjunto de enunciados e os enunciados particulares que o formam, faz ver o estilo de um ator numa relação em que o tempo e a presença do sujeito têm um estatuto particular. Não restringe o estilo à apreensão de recorrências de recursos textuais ou discursivos numa totalidade fechada, acabada, mas em seu processo de constituição, acolhendo a contingência e o inesperado. Assim, em relação à aspectualidade temporal, uma enunciação em processo traz, simultaneamente, a memória do já dito, dos enunciados já realizados e também uma protensividade, uma expectativa quanto aos enunciados vindouros. O tempo assim percebido, somado à coocorrência do sensível (a tensividade) e do investimento semântico, funda os vetores estilísticos. Os movimen-

tos aspectuais traçam, portanto, uma *quase-presença*, fazendo do inacabamento uma marca do estilo. Os modos de presença realizado e atual (dêixis da presença), potencial e virtual (dêixis da ausência), que respondem por uma presença mais ou menos tônica do ator da enunciação, se sobrepõem e se coadunam na constituição do estilo, o que é perceptível não só entre um enunciado e outro, mas também em cada enunciado singular.

A noção de *éthos* é incorporada dos princípios formulados pela retórica clássica de Aristóteles – e associada à categoria discursiva de pessoa pressuposta a uma totalidade, em termos discursivos –, mas a autora a remete a Barthes, que vê o *éthos* sempre conotado. Como todo estilo possui um viés sensível, todo *éthos* é conotado. Ele transita, portanto, entre a estabilidade do esquema corporal estabelecido por uma totalidade de enunciados e a imprevisibilidade do acontecimento discursivo, aspectualizando o ator da enunciação na ordem do contínuo e do imperfectivo. Os movimentos graduais de intensificação das grandezas do conotado, da atonia à tonicidade (a partir de Zilberberg, que formaliza o contínuo do acento em sua gramática tensiva) vão estabelecer as diferenças estilísticas. Assim, ao invés de opor os estilos da ordem do artístico e do informativo, concebe o estilo como trânsito entre as valências plenas do conotado (o estético) às valências nulas (o estésico), nunca havendo um denotado puro nem a ausência completa do sentir.

A autora mostra, então, ao cotejar o artigo de opinião de Luiz Felipe Pondé e a poesia de Cecília Meireles, que é possível encontrar “conotação ascendente” no jornal da mídia impressa, mesmo dominada pelo perfil judicativo e pela persuasão, tanto quanto é possível ver um desdobramento, mesmo mais átono, de uma inteligibilidade implicativa na poesia,

ainda que dominado pela agudeza conotada do estético. Nas análises do artigo e da poesia, vai se delineando com clareza a maneira como a continuidade sensível funda um modo de ser que dura no enunciado particular e na totalidade de enunciados, constituindo os papéis patêmicos (do desdém e da admiração, respectivamente), ao mesmo tempo que a reiteração descontínua dos papéis temáticos vai estruturando um esquema que dá unicidade ao estilo.

Mostra ainda o delineamento dos vetores estilísticos na textualização de cada enunciado, pelo uso recorrente, por exemplo, de recursos retóricos ou gramaticais que, mesmo variados, correspondem a determinada aspectualização invariante do sujeito, relativa ao grau de conotação (imperfectivo, cinético e atélico, em Meireles; perfectivo, estático e tético, em Pondé).

Desse modo, as funções discursivas das figuras retóricas utilizadas nos textos analisados dizem respeito ou ao acento mais estésico e voltado para o fazer crer, sobressaindo as modalizações (figura-argumento) ou ao acento mais estético, em que sobressaem as modulações sensíveis do afeto e do inesperado (figura-acontecimento). Para além de contrapor apenas o estilo de um autor ao de outro, as análises trazem para a discussão um esboço das possibilidades e restrições que as cenas genéricas imprimem na constituição dos estilos.

Enfim, a autora aplica a aspectualização actorial como ponto de partida para a descrição de um estilo de época, corroborando a identidade que abrange textos de diferentes materialidades, como um poema e uma pintura, tomados como uma totalidade estilística. Renova, assim, a abordagem tradicional dos estilos de época, buscando nas profundidades figurais, mais abstratas, o pressuposto dos elementos de superfície, trazendo luz à integração entre os níveis de abstração do

percurso do sentido sob uma cifra tensiva e à unidade de estilo que abrange textos de manifestação distinta. Escolhe o estilo neoclássico como ilustração dessa possibilidade de juntar obras artísticas de diferente natureza para dar conta do estilo de época. Correlaciona, para ilustrar isso, a poesia de Tomás Antônio Gonzaga e a pintura *O juramento dos Horácios* de Jacques-Louis David. Mostra que, em ambas as obras, uma inteligibilidade se estabelece firmemente e se associa ao efeito de harmonia, de regularidade, com feição descritiva. A paixão da honra e do mérito são dominantes nesses textos artísticos. Aspectualmente, a estaticidade, a perfectividade e a telicidade constituem o corpo do ator dessa totalidade, que se manifesta de forma própria em cada materialidade. Na textualização, o emprego de pausas que marcam a divisão das unidades do texto da poesia de Gonzaga, por exemplo, corresponde ao estilo linear, de vista frontal, da pintura de David, materializando o ordenamento do mundo e as propriedades aspectuais mais átonas acima descritas, fazendo surgir a dominância do observador ético no âmbito do *lógos* estético.

Partindo, então, do estilo de um autor, sempre mostrado como diferença em relação a um outro, para o estilo dos gêneros e de uma época, o livro de Discini retoma os estudos dos fenômenos de estilo, há algum tempo abandonados nas universidades ou restritos a abordagens tradicionais. Apesar de ser um livro especialmente voltado para um leitor ao menos iniciado na teoria semiótica, brindará com um novo olhar sobre o assunto todos aqueles que quiserem lançar-se à aventura de acompanhar as explicações teóricas minuciosamente desenvolvidas.

Com essa obra, Discini reafirma seu lugar como referência nos estudos sobre o estilo, com suas análises cuidadosas e consistentes, que permitem ir aclarando a sinuosidade de seu

raciocínio e convencendo o leitor da operacionalidade de sua proposta metodológica. Reunindo a inteligibilidade necessária para a reflexão teórica e para a demonstração do método nas análises, a obra não deixa de fazer ecoar o entusiasmo da autora pelas descobertas alcançadas, além do seu encantamento pelos textos artísticos analisados, o viés sensível de seu estilo, que acaba por convidar o leitor não só a acompanhar suas reflexões, mas também a afetar-se pelas belas análises brilhantemente conduzidas.

Resenha recebida e aprovada em junho de 2015.

Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/casa>